

## **A CASA DE FAYOLA: ASPECTOS SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE GÊNEROS**

**Francielle Suenia da Silva**  
(POSLE-UFCG)

**Márcia Tavares Silva**  
(POSLE-UFCG)

### **INTRODUÇÃO**

O negro brasileiro no período escravocrata no qual não era considerado como pessoa, mas como um objeto sem alma, sem vontades, sem capacidade intelectual do qual era aproveitado apenas o esforço físico. Além disso, o negro era tratado como um ser sem cultura e seus cultos religiosos pagãos deveriam ser modificados para os costumes cristãos católicos. Mesmo assim, esse grupo étnico buscou e busca, por meio do reconhecimento e convívio entre as diferenças, maior visibilidade para suas expressões artísticas e culturais.

Com esses pensamentos, mesmo após a abolição da escravatura e a chegada do século XX, o cidadão afro-brasileiro foi deixado à margem, esquecido pela maioria dominante que permanecia na supremacia social e intelectual. Não era dada aos negros uma oportunidade para que reivindicasse por direitos, portanto, eles continuavam oprimidos, esquecidos e sendo acompanhados por uma sociedade racista que continuava inferiorizando os cultos afro-brasileiros, bem como sua capacidade intelectual. Era como se os esforços realizados para o reconhecimento e visibilidade das diferenças de religião, práticas de cultura não estivessem em ajuste com o modelo governante vigente.

Pretende-se, neste artigo, realizar uma leitura comparativa entre as personagens Fayola e Alexandre, do conto *A Casa de Fayola*, de Abílio Ferreira, que faz parte da coletânea *Cadernos Negros: os melhores contos*. Procuraremos evidenciar na análise do texto de que forma elementos externos atuam para manutenção e/ou detrimento de uma cultura.

#### **1. O fazer-se literário**

A criação de grupos de escritores negros que compartilhavam dos mesmos objetivos estético-literários, a militância social negra, além de uma mudança de comportamento que surgiu a partir de novas correntes filosóficas, sociológicas,

antropológicas e literárias corroborou para a visibilidade do povo negro: questão socioeconômica, cultura, história, identidade e literatura. Recentemente, foram reconhecidas as diferenças existentes entre a cultura dominante e, em particular, a cultura do negro, dessa forma pode-se requerer, de forma mais ampla, em diversos setores da sociedade, os espaços negados.

Stuart Hall (2013, p. 376) defende que o período de “esquecimento” pelo qual o negro passou funcionou, junto com o pós-modernismo, como uma válvula que impulsionou a produção literária do negro e de outros grupos minoritários

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais de diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural.

É nesse momento de percepção das diferenças que a escrita negra contemporânea do Brasil recebe certa quantidade de luz dos holofotes da literatura nacional e, com os estudos realizados por pesquisadores da academia, os textos vão conquistando espaços de discussão no ambiente literário.

Inicialmente, faz-se necessário refletir sobre o que é a literatura negra no Brasil. A pesquisadora Zilá Bernd (1988, p. 22) defende que a definição de literatura afro-brasileira não é restrita “à cor de pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que quer ser negro”. A partir disso, compreende-se que são as

Com a mudança de posição do negro nas criações literárias, novos modos de composição formal (no léxico, símbolos e imagens) foram manifestados nesse tipo de literatura. A partir disso, percebemos que uma das marcas de expressão dessa escrita foi a utilização da linguagem por meio de suas variadas formas, fazendo com que, nela, a carga de experiência negra seja, ao mesmo tempo, estabelecida e transformada. Pois, o poema de autoria afrodescendente tem “sua gênese no desejo de reparar sucessivas

perdas como a da memória da ancestralidade africana, da ação heroica nos quilombos, enfim da própria história” (BERND, 1988, p. 23).

Ampliando o que diz a pesquisadora: a literatura negra não só repara como também institui um novo modelo de falar do negro na história e, principalmente, na contemporaneidade, uma vez que é necessário refletir sobre as condições desse sujeito no contexto em vigor por apresentar novas formas de resistência e afirmação. A linguagem literária da atualidade permite falar da memória, cultura, resistência do negro ontem e hoje, aliando caráter social e estético, passado e presente. Esse “modelo” de escrita negra corrobora para a visualização da literatura negra, pois amplia o modo de como se fala e o que se fala sobre o negro.

De acordo com Candido (2000) as necessidades do autor em validar determinada experiência de um grupo, ou então, apresentar determinados fatos só será considerado relevante, caso o grupo leitor que é o mesmo retratado na obra sintam-se devidamente representados e, assim, divulguem e reflitam sobre a obra.

O artigo “Aspectos metodológicos do ensino da literatura” apresenta uma mudança na noção de cultura literária a partir das pesquisas em literatura. Enquanto uma noção valoriza o social “uma vez que responde a certa prescrição social, se opõe uma cultura literária viva, concebida como um saber para si, para pensar, agir, se construir. A primeira concerne à identidade social do indivíduo, a segunda participa de sua construção identitária singular” (ROUXEL, 2013, p. 19). Isso pode ser assemelhado ao que acontece com a literatura afro-brasileira: em um primeiro momento, ela valoriza o grupo étnico incentivando o reconhecimento desse grupo na sociedade e que lugar ele ocupa nela; por outro lado, a leitura de textos pertencentes a esta temática aproxima os indivíduos de um reconhecimento e identificação com essa cultura.

O contato com a literatura afro-brasileira pode expandir os conhecimentos de mundo do seu leitor, pois os textos literários que abordam essa temática apresentam além da cultura do negro uma perspectiva desse sujeito sobre a sociedade. Através da leitura dos textos é possível promover uma desconstrução dos estereótipos que envolvem os negros brasileiros. Dessa forma, é possível perceber que “o estético se exprime em função do engajamento social e este, por sua vez, se define como um compromisso com os grupos étnicos afrodescendentes” (PEREIRA, 2010, p. 13).

A leitura de literatura exige do leitor uma série de habilidades para que ele possa compreender e atribuir sentidos à leitura. No caso da literatura negra brasileira, outra

habilidade do leitor deve ser efetivada: a experiência com as situações representadas, pois “em seu múltiplo papel de refletir e participar da cristalização de valores, a literatura age, também, no sentido de aprofundar, superar e contribuir para o engendramento de novas contradições sociais” (CUTI, 2012, p. 21). Com isso, deve existir uma intenção do leitor em conhecer o contexto de produção do texto bem como a de posicionar-se quanto as práticas sociais presentes no texto.

Algumas características da literatura negra, no caso da narrativa, chamam a atenção dos leitores devido ao jogo do autor com nomes e elementos próprios do texto, pois despertam “a expectativa do leitor, quanto à cor e raça dos personagens, os temas desenvolvidos, além da identificação dos protagonistas” (CUTI, 1998, p. 18). Determinados textos de literatura negra brasileira não apresentam a cor e raça dos personagens fazendo com que o leitor recorra a outros aspectos da narrativa ou do texto poético para poder identificar a cor da pele ou outras características relacionadas ao negro.

Essa atitude do escritor negro contemporâneo amplia o conceito apresentado por Bernd, uma vez que será o contexto extra texto ou a ideologia do leitor serão os fatores que definirão se a personagem “se quer negra”. Vale ressaltar que o posicionamento da autora é referente ao lugar que o negro ocupa no texto, saindo do plano de fundo da literatura e assumindo um caráter de personagem central sem os estigmas convencionados pela sociedade.

Além disso, os temas discutidos são diversos, no entanto, em sua maioria, não fogem ao lado social ao qual essa literatura está relacionada. Para exemplificar essa variedade de temas, existem os Cadernos Negros. Na edição *Os melhores contos*, o prefácio escrito por Aldo Rebelo (1998, p. 14) apresenta temas desenvolvidos no livro, mas que não podemos limitá-los a essa obra ou grupo de autores:

seus textos se transformaram, por isso, em veios através dos quais a parcela negra e discriminada de nosso povo rememora suas condições desfavoráveis da existência, denuncia as arbitrariedades policiais da vida cotidiana de seus bairros, reclama da falta de oportunidades e de acesso à cultura, queixa-se do desalento e da desunião das próprias comunidades. Mas fala também de seus sonhos, revela uma sensibilidade peculiar, expressa formas próprias de beleza e paixão. Enfim, dos textos emerge não apenas um olhar diferente dos negros sobre eles

mesmos, mas também um olhar diferente sobre nós e sobre o país que compartilhamos.

Dessa forma, podemos observar também que o prisma pelo qual o autor negro observa a si e a sociedade é o botão impulsionador para sua escrita e para os temas que aborda em sua literatura. Há ainda espaços para que se trabalhem questões como relações familiares, de gênero, de cunho religioso, entre outros temas que, devido à marginalização desse grupo, o olhar do autor consegue revelar experiências próprias da sociedade negra no Brasil. Portanto, “o estético se exprime em função do engajamento social e este, por sua vez, se define como um compromisso com os grupos étnicos afrodescendentes” (PEREIRA, 2010, p. 23).

No que diz respeito à relação entre resistência e a literatura, Bosi (2002, p. 120) apresenta dois modelos complementares. Na primeira, “a resistência se dá como tema” e, na segunda, “se dá como processo inerente à escrita”. A literatura negra nasceu do instinto de resistência a um sistema socioeconômico e cultural opressor que marginalizava o negro. De motivo ela passou a ser tema principal dos textos de escrita negra, uma vez que o lado social possuía um caráter emergente na tentativa desse grupo ganhar visibilidade.

Por apresentar “um forte teor ideológico, pelo fato de lidar, de tomar como pano de fundo e de eleger como sua temática a história do negro, a sua inserção e as relações étnicas da sociedade brasileira” (EVARISTO, 2010, p. 135) a literatura negra apresenta aos seus leitores a representação do negro diferente da que está presente na maior parte da literatura considerada clássica no Brasil.

## **2. Breve consideração sobre a relação entre gêneros na literatura**

Em uma sociedade patriarcal, situemo-nos no século XIX, a mulher era imposta à submissão ao homem – de pai, passando por irmão mais velho e marido- e não lhe eram permitidas uma educação que não se voltasse à formação e manutenção de um lar. Além disso, ela era considerada um ser frágil e indefeso que não poderia garantir sua subsistência sem a supervisão de um homem. Apesar de muitas mulheres conseguirem manter casa e família sem a presença de um marido ou outra figura masculina que exercesse poder sobre elas, os desafios enfrentados eram maiores, uma vez que viviam

em meio a um grupo social que não acreditava ou aceitava a competência de um sujeito do sexo feminino.

Na literatura, a mulher não era representada de forma diferente; personagens submissos ao pai e marido e a quem também era dada pouca voz nas decisões da casa e, caso as personagens transgredissem qualquer ordem, eram punidas moral, social e psicologicamente com “solidão, autonegação da felicidade, reconhecimento do fracasso no desempenho do papel que lhes foi confiado pela sociedade” (SCHOLZE, 2002, p. 181).

A partir da segunda metade do século XX, momento em que a literatura de autoria feminina apresenta uma reivindicação o estabelecimento no cânon literário por meio da “ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de um mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo” (ZOLIN, 2009, p. 327), a condição da mulher passa por uma mudança em que ela torna-se protagonista e comandante das suas ações.

Ao falarmos da representação da mulher negra na literatura brasileira, enveredamos por um mundo de preconceito e submissão ainda maiores que o imposto às mulheres não-negras, pois, além da condição do ser mulher atrela-se a condição de ser negra e, com ela, as características estéticas próprias desses sujeitos e o espaço que ocupam na sociedade. Por isso, na literatura de autores e autoras afro-brasileiras em que, muitas vezes, o “eu” enunciador do escritor mistura-se ao “eu” sujeito protagonista no texto encontraremos momentos de “exaltação amorosa e também versos denotadores de introspecção e indagação do ser e do estar-no-mundo. Essa subjetividade refere-se aos sentimentos, à interioridade, à introspecção, opondo-se ao mundo objetivo e aos outros sujeitos” (AUGEL, 2014). Desse modo a mulher negra ao escrever literatura representa, não só a si como também outras mulheres negras por reivindicar voz e espaço no meio literário e social.

Ela, como tantos outros grupos minoritários, encontrou na literatura uma forma de expor seus conflitos, decisões entre outras peculiaridades. Souza (2010, p. 224) afirma que

dos seus lugares desprestigiados, mulheres, afro-brasileiras/os, homossexuais, analfabetos juntamente com a cultura de massa e a cultura popular atacaram o campo literário e reivindicaram para si a possibilidade de tematizar, no interior deste campo,

questões e problemas sociais e passaram a conferir qualificações de etnia e gênero, por exemplo, à literatura.

Podemos compreender que a literatura é uma das maneiras com as quais é possível promover a divulgação das diferenças e, além disso, dar voz às camadas mais esquecidas pela sociedade e, conseqüentemente, pela literatura brasileira.

### **3. Agora é o texto: análise de A Casa de Fayola**

O texto A Casa de Fayola faz parte do livro *Cadernos Negros: os melhores contos* (QUILOMBHOJE, 1996). O conto flagra o instante em que Fayola recebe a visita de Alexandre. As personagens foram criadas juntas na comunidade que ambienta a narrativa. No entanto, fatores internos, como a forma de pensar da família, fizeram com que Alexandre saísse do Brasil para estudar e morar no exterior. Atentando-se para essa primeira questão, podemos perceber que a diferença entre as personagens acontece, primeiramente, no âmbito familiar, uma vez que a permanência na comunidade ou a ida para outro lugar configuram um embate de ideologias entre as famílias, como podemos ver no trecho a seguir:

Procurava-se lembrar do crescimento dos dois, juntos, naquela mesma vila; a adolescência, as rodas de capoeira, os sonhos de seus pais (a família de Fayola lutara por um futuro de caráter completamente diferente daquele que seu velho pai sonhara para ele, Alexandre, filho único. Agora parecia-lhe fácil compreender o clima de rivalidade que havia persistido, até a morte, entre as duas famílias), as juras de amor, a partida... (FERREIRA, p. 26)

A partir do pensamento distinto entre as famílias de Fayola e Alexandre, algumas características começam a ser delineadas. Fayola, por exemplo, torna-se símbolo da cultura de resistência, pois o trabalho que exerce na comunidade aponta para a permanência da cultura africana revestida de traços da contemporaneidade brasileira. Ela é responsável pelo bloco de afoxé, por cuidar das crianças carentes e, também, pelo terreiro de candomblé.

Em contraponto à vida de Fayola, Alexandre procurou por oportunidades de vida longe da amada e, conseqüentemente, da comunidade. O modo de vida desse personagem pode representar o mundo globalizado, uma vez que suas características são

marcadas, de forma exclusiva, para a instrução educacional, o trabalho e o acúmulo de dinheiro como forma de garantir o futuro.

A permanência de Fayola na comunidade e o desejo de Alexandre de que ela vá com ele viver a vida que ele pode oferecer longe dali funciona como motivador para a discussão da identificação com o local onde se vive. Enquanto Fayola não só identifica-se, como também promove a permanência/resistência dessa cultura negra, Alexandre nega ao ponto de não querer manter relações de proximidade com o local ou das manifestações culturais que lá resistem. Para Alexandre, a favela representava o atraso nos mais diversos sentidos; para Fayola, representa vida, alegria.

Há, no texto, outros elementos que podem auxiliar na análise comparativa entre as personagens. A natureza, mais precisamente a chuva, atua como agente de premonição dos acontecimentos.

A chuva agora era bem mais forte. (...) Os clarões dos relâmpagos rompiam a fraca iluminação do pátio, estendendo uma luz cintilante sobre as cariátides esculpidas nas quinas externas das paredes e refletindo raios coloridos nos vitrais. A leve chuva do começo da madrugada transformara-se numa colérica tempestade – a natureza parecia irada, como num prenúncio do perigo iminente. (p. 23)

Em outros momentos, ela se mistura aos sentimentos expressos pelas personagens. Seja na calma: “a voz aveludada de Alexandre misturou-se com o ruído da chuva que se amainara” (p. 26); ou na dor quando Alexandre põe fogo na casa de Fayola matando ela e um sonho:

Em pouco mais de meia hora, tudo dentro do pequeno cômodo era cinza, mas, antes que o fogo se alastrasse para as outras casas, a tempestade já o havia exterminado, tamanha a força com que voltara a cair. A gente da vila, contudo, não sabia dizer se os relâmpagos e trovões eram um ruidosa festa em comemoração à sobrevivência do resto da comunidade, ou se a natureza estava novamente irada, chorando de tristeza e gritando de dor. (p. 29)

A partir disso, podemos perceber que a relação entre as personagens, apesar do amor existente entre eles, é estabelecida por uma certa tensão, apesar dos momentos nos quais ambos se rendiam ao amor que os uniu desde a infância. Fayola cresceu, viveu e morreu na e pela comunidade tão desprezada por Alexandre. A figura da mulher como



Líder de comunidade abre espaço para uma discussão sobre o espaço ocupado por esse sujeito na contemporaneidade e, principalmente, como divulgador e mantenedor de uma cultura ou manifestação artística, neste caso, própria da negritude. Além disso, nos faz refletir de que forma essa cultura sobrevive em meio a tantos Alexandres que renegam seu lugar ou a cultura que vinda daquele espaço. Quantas vezes a globalização, juntamente com essa síndrome do atual – e por que não do efêmero? – tenta sublimar as tradições de um lugar, de um povo?

### **Considerações Finais**

Após a leitura e análise do texto, nós podemos perceber que a relação entre Fayola e Alexandre está relacionada às questões culturais e socioeconômicas, uma vez que o lugar físico e social influenciou nas decisões tomadas pelas personagens. O momento ápice desse fato é a intolerância de Alexandre por não aceitar a decisão de Fayola, uma vez que a vila não representa a sua nova condição socioeconômica. Além disso, a presença constante da natureza na narrativa pode representar a resistência do negro, uma vez que eles se misturam, principalmente, às emoções da personagem Fayola.

Na literatura negra os elementos sociais assumem uma condição de denunciadores da verdade, fazendo com que o escritor ocupe, além de um lugar literário, o de porta voz de um grupo étnico. Ao contar as histórias de um povo, as situações vividas pelos negros, neste caso, das mulheres negras, a literatura provoca no leitor novas possibilidades de olhar o para o povo negro e como ele está situado em nossa sociedade, além do resgate histórico muitas vezes utilizado pelos autores.

A literatura negra quando escrita e protagonizada por mulheres exerce um papel fundamental para a discussão sobre as relações entre gênero, bem como de que forma atuam os mecanismos que, ainda hoje, marginalizam o negro e sua cultura. Neste conto, notamos que o discurso literário proporciona aos seus leitores a oportunidade de ver o negro e sua cultura em uma perspectiva diferente da qual ele está representado na literatura clássica brasileira.

### **REFERÊNCIAS**

AUGEL, Moema Parente. **A Fala Identitária: teatro afro brasileiro hoje**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigomoema01.pdf>> Acesso realizado em 30 de agosto de 2014.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 3. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.

CUTI. Introdução. In: QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

\_\_\_\_\_. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth. (orgs). **Poéticas Afro-Brasileiras**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; PUC Minas, 2012.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Um Tigre na Floresta de Signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FERREIRA, Abílio. A Casa de Fayola. In: : QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações e culturais**. SOVIK, Liv (org). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (org). **Um Tigre na Floresta de Signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

REBELO, Aldo. Prefácio. In: QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. In: DUARTE, Constância Lima; ASSIS, Eduardo de; BEZERRA, Kátia da Costa (orgs.). **Gênero e representação na literatura brasileira**. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, 2002, vol.2.

SOUZA, Florentina. Cadernos Negros: literatura afro-brasileira? In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Um Tigre na Floresta de Signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.